

INSTRUÇÃO PARA TODOS: A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA IMPRENSA¹

Valdelice Borghi Ferreira

Universidade de Sorocaba
Universidade Metodista de Piracicaba.

RESUMO

O texto privilegia como recorte espacial e temporal a cidade de Sorocaba (SP), no período de 1889 a 1920, tendo como especificidade a investigação do significado do movimento operário para a história da educação escolar do município. Busca-se explicitar o tratamento dado pela imprensa à instrução pública, investigando jornais que circularam no referido período e são representativos dos interesses do movimento operário, assim como as propostas provenientes do setor empresarial.

Palavras-chave: movimento operário, educação escolar, imprensa, instrução pública, instituição educacional.

ABSTRACT

The text emphasizes as a spatial and temporal delimitation, the city of Sorocaba (SP), aiming specifically to investigate the meaning of the workforce movement to the school educational history of the city. We try to demonstrate the treatment given by the press to the public education, investigating the newspapers that were issued during that period and represented the interests of the workforce movement, as well as the proposals from the industry.

Keywords: workforce movement, school education, press, public education, educational institution.

Introdução

O estudo, parcial, objetiva pesquisar a relevância do movimento operário para a história da educação escolar em Sorocaba, com base na produção operária no âmbito da imprensa, enfocando de maneira especial o jornal O Operário, que circulou no município no período de 1909 a 1913. Procura também analisar algumas manifestações da chamada imprensa burguesa ou empresarial que, contrapunha-se ou convergia para as reivindicações dos trabalhadores, de acordo com os interesses representados no momento histórico. Pretende-se com isso, refletir sobre o passado educacional, reflexão esta, direcionada por novos interesses e procedimentos de análise, não fundamentados apenas na historiografia que prioriza os discursos legais ou que considera a escola como instituição atemporal, mas, sim, procurando entender a escolarização da sociedade em sua perspectiva histórica (VIDAL; HILSDORF, 2001).

Na compreensão de Gatti Junior

Atualmente, percebe-se que há um afastamento da produção proveniente do campo da história da educação do caráter prescritivo e justificador de antes e um redirecionamento no caminho da elaboração de interpretações sobre o passado educacional brasileiro em sua concretude, mediante consulta a uma série enorme de

fontes primárias e secundárias que não mais apenas a legislação educacional (GATTI JUNIOR, 2002, p.16).

Aqui foi escolhida como uma possível interpretação sobre o passado educacional, a imprensa que, integrando o contexto histórico, participa das tensões específicas desse contexto, evidenciando e problematizando questões relativas a cada momento. Ponderou-se que o espaço jornalístico

Na verdade, constitui-se num instrumento de veiculação e manipulação de interesses diversos (públicos e privados), passa a atuar na vida social e, conseqüentemente, não fica alheio à realidade histórica, na qual está inserido. (CARVALHO, 2004, p.48).

Carvalho enfatiza a possibilidade de estudar-se a história da educação com a contribuição de jornais e revistas, “pois através deles manifestam-se os problemas educacionais...[...] e compreendem-se as dimensões sociais da educação” (p.48). Assim, as notícias educacionais, os detalhes, possibilitam “compreender como as relações foram sendo construídas dentro dos microcosmos sociais”(p.48). Procura-se assim

Preencher algumas lacunas deixadas pelas pesquisas macro-estruturais e, ainda, traz para o cenário histórico agentes sociais antes desconhecidos, passando a valorizar o seu saber e sua vivência (CARVALHO, 2002, p.49).

Nessas reflexões é reconhecida a importância da imprensa enquanto fonte documental, seja ela especializada, pedagógica, ou representada por jornais e outras publicações empresariais, que podem proporcionar condições para a compreensão de uma realidade educacional, na maioria das vezes não materializada nas fontes tradicionais.

O cenário

Partindo-se do pressuposto de que as concepções e práticas educacionais são produzidas pelos homens, expressando suas condições materiais e sociais, entende-se que a educação é interdependente do movimento histórico, produzido social e contraditoriamente. Considera-se assim, necessária, uma breve contextualização do espaço delimitado para o estudo.

No período enfocado deu-se o início da industrialização de Sorocaba e de S.Paulo e a inserção desses espaços no modo de produção capitalista industrial, de exportação de mercadorias, principalmente têxteis (capitalismo concorrencial), fase já ultrapassada nos países mais avançados. O final do século XIX assistiu ao nascimento do capitalismo monopolista, industrial e bancário, que se integram, formando o capital financeiro, ocasionando a partilha do mundo entre os grupos capitalistas (LENIN, 1987). Inicia-se um período de imigração para a América (fazer a América), nos países de menor concentração industrial, caso da Itália, Espanha, Portugal, regiões “onde predominava a pequena indústria de propriedade individual ou familiar, na qual a organização do trabalho se baseava amplamente em trabalhadores qualificados, nos ex-artesãos convertidos em assalariados” (FAUSTO, 1976, p.67).

A entrada de imigrantes no Brasil e, principalmente em S.Paulo, contribuiu para o processo de industrialização, ampliando o mercado de trabalho e de consumo, aplicação de poupança no comércio e na indústria, uma vez que havia dificuldades quanto à posse de terras (FAUSTO, 1976). O imigrante pobre tinha como objetivo alcançar melhor condição de vida, ou mesmo tornar-se proprietário; seus anseios foram frustrados pela sociedade que negava muitas vezes direitos mínimos de uma vida digna. A realidade encontrada favoreceu o surgimento dos movimentos operários e as cidades ofereciam o ambiente propício para a expansão do ideário revolucionário. Ao lado dos trabalhadores vieram também intelectuais,

principalmente anarquistas, provenientes de países onde o movimento libertário alcançou alguma expressão, como a Itália, Espanha e Portugal. É importante reconhecer que o movimento operário fortaleceu-se com a criação de organizações, partidos, centros operários, sindicatos, que atuavam na organização, incentivo e divulgação do ideário revolucionário.

No que se refere à educação, os trabalhadores procuravam dar concretude às idéias e proposições das várias correntes ideológicas, que aparecem esparsas nos seus programas, em meio à defesa dos direitos trabalhistas, com ênfase na questão salarial e na diminuição da jornada de trabalho. Observa-se que desde o final do século XIX as organizações operárias registraram em seus programas a necessidade da criação de escolas primárias e, também, do ensino profissionalizante, necessário à formação dos trabalhadores, em razão do desenvolvimento industrial do país. De maneira geral, todas as vertentes do movimento operário estavam acordes na proposta de uma educação laica, afastada da influência de questões relacionadas à religiosidade e à fé, identificadas com a ideologia burguesa. Quanto à oferta e manutenção do ensino, os grupos com tendência marxista defendiam a educação escolar gratuita e mantida pelo Estado; os grupos anarco-sindicalistas optavam por educação escolar oferecida pelas associações e sindicatos representativos dos trabalhadores.

Fazendo um breve recorte para a situação educacional brasileira no período delimitado para o estudo, constatamos que o país caracterizava-se pela dependência econômica externa, que se refletia na estrutura social e, conseqüentemente, na estrutura educacional. Foram várias as reformas realizadas na organização escolar, revelando “uma oscilação entre a influência humanista clássica e a realista ou científica” (RIBEIRO, 1993, p.79) – Código Epitácio Pessoa (1901), reforma Rivadávia (1911), reforma Carlos Maximiliano (1915), e um pouco mais tarde, a reforma Luis Alves/Rocha Vaz (1925). Os problemas, como o analfabetismo, se agravaram, sem que as reformas apresentassem soluções. Campanhas e movimentos foram encetados em defesa da escola primária, vista como base da nacionalidade – o combate ao analfabetismo relacionava-se, assim, ao ensino do civismo (RIBEIRO, 1993, p.83).

Nesse contexto surgiram os grupos escolares, mas grande parte da população continuou marginalizada. As manifestações urbanas, principalmente dos trabalhadores, refletiam seu descontentamento e a organização escolar vigente também passou a ser questionada. Carvalho considera que a época caracterizou-se pela difusão de novos modelos pedagógicos, pela introdução de instituições, como os grupos escolares, que conviverão e contrastarão com as práticas das escolas isoladas, bem como de introdução de modelos escolares não institucionalizados, como as escolas de imigrantes (CARVALHO, 2003,p.323). Lembramos que muitas dessas escolas foram criadas pelas Ligas Operárias, inspiradas na tendência pedagógica libertária (RODRIGUES, 1972).

Para Nagle as transformações econômicas e sociais favoreceram o surgimento da crença de que, o Brasil alcançaria o progresso, se grande parte da população tivesse acesso à educação escolar, sendo então, necessária ampla disseminação das instituições escolares. É a fase do “entusiasmo pela educação”, seguida, posteriormente nos anos 20, pela fase do “otimismo pedagógico”. A instrução, em todos os níveis, assume uma posição de destaque cada vez maior (NAGLE, 2001, p. 134-135). A defesa da instrução, embora com diferentes objetivos, era feita por grupos representativos de interesses nacionalistas, grupos católicos, empresariais, e, também, pelos operários.

Em relação ao cenário local, constata-se que a cidade de Sorocaba participou ativamente do movimento operário na primeira república, ação que se estendeu até 1964, encerrando-se com o golpe militar. A militância operária rendeu à cidade o epíteto de Moscou Paulista ou Brasileira. Apesar de fazer parte do cenário histórico brasileiro desde 1654, destacando-se em muitos momentos, Sorocaba tem sua história comumente relacionada ao

Ciclo do Tropeiro, nos séculos XVIII e XIX. Com o final das feiras de muares (1897), a cidade não viveu um período de decadência, pois, já estava direcionada à outras atividades econômicas – como a indústria têxtil. Com o desenvolvimento da Guerra da Secessão nos Estados Unidos (1861-1865) e a conseqüente decadência na produção do algodão, o Brasil passa a fornecer matéria prima às indústrias da Inglaterra. Sorocaba se destaca, plantando o algodão já herbáceo, iniciando uma nova fase na sua economia. Além da exportação do algodão a cidade desenvolveu processo de mecanização no descaroçamento, sendo uma das primeiras cidades do interior da Província a possuir esse tipo de fábrica (Canabrava, apud Silva, 2000, p.50). O final da guerra civil restabelece a produção americana e o abastecimento do mercado europeu; os preços sofrem queda. Em 1875 foi fundada a Estrada de Ferro Sorocabana, ligando a cidade a S.Paulo, como uma das formas de incentivar a produção local. A grande produção de algodão, a falta de mercado externo e o acúmulo de capital comercial, foram fatores decisivos para o desenvolvimento industrial que se processará a seguir.

Em 1882 foi fundada a Fábrica Nossa Senhora da Ponte, com máquinas de Manchester, Inglaterra; as fábricas Votorantim e Santa Rosália, são de 1890 e a Santa Maria foi fundada em 1896 (ALMEIDA, 1969). Em 1905, quando da inauguração da Usina de Itupararanga, o engenheiro Alfredo Maia reconheceu um “futuro prospero e próximo; que Sorocaba pela importância de sua indústria será a Manchester Brasileira” (Cruzeiro do Sul, 11/01/1905). As fábricas, com exceção da Votorantim e S. Rosália, eram centrais, centro onde também se expandia o comércio. Os operários se instalavam em bairros próximos às indústrias, muitas vezes em vilas construídas para esse fim, como a Votorantim, S. Maria e S. Rosália. Outras indústrias se desenvolveram ao lado das têxteis: óleo, calçados, malhas, banha, chapéus, enxadas, etc... A cidade inseria-se no modo de produção capitalista industrial, de exportação de mercadorias. Duas características diferenciam o processo de industrialização de Sorocaba: a industrialização antecipa-se ao processo do país e não teve como fator gerador o capital acumulado com o plantio e exportação do café. Na cidade, o capital foi gerado no comércio tropeiro, plantio e exportação de algodão e participação de imigrantes, italianos, espanhóis, alemães, suíços e outros. Também, deve-se destacar o emprego de capitais de paulistas associados a imigrantes, “homens ricos que tiveram de empregar seu dinheiro em vista da inflação e achavam Sorocaba a “ cidade do futuro”. É a boa face da medalha do Encilhamento” (ALMEIDA 1969). Os imigrantes que vieram para Sorocaba eram, principalmente, italianos e espanhóis, além de portugueses e alemães. Os italianos se instalaram sobretudo no bairro do Além Linha e os espanhóis, no bairro do Além Ponte - a denominação, conservada até hoje, é devida à Estrada de Ferro Sorocabana, cujas linhas cortam a cidade, e à ponte sobre o Rio Sorocaba..

De acordo com registros bibliográficos e em periódicos da imprensa local, a participação operária nos movimentos reivindicatórios foi intensa, durante o período da Primeira República, acompanhando a movimentação nacional.

Objetivando dar maior visibilidade às questões que envolvem a escolarização divulgada por meio da imprensa, torna-se necessário um recorte sobre a situação educacional em Sorocaba. No período estudado a realidade escolar não diferia do restante do país, Havia grupos escolares, escolas isoladas (em sua grande maioria), escola particulares laicas e confessionais. A Lei nº 88, de 08-09-1892, que reformulou a Instrução Pública do Estado de S.Paulo, tornou o ensino primário obrigatório, dos 7 aos 12 anos. Com o Decreto nº 248, de 26-09-1894, várias escolas isoladas passaram a funcionar em um só prédio, o Grupo Escolar, trazendo alterações positivas, como a divisão dos alunos em séries, funcionando em classes diferentes. O primeiro grupo escolar de Sorocaba funcionou somente em 1896 (Antonio Padilha) e o segundo, apenas em 1914 (Visconde de Porto Seguro), ambos na região central,

com poucas vagas, ocupadas por crianças das famílias de maior prestígio da cidade. Os mais pobres continuavam a freqüentar as escolas isoladas, quando havia, inclusive nos bairros com predominância de população operária, Além Ponte e Além Linha. Somente em 1919 surgiu o terceiro grupo escolar, Senador Vergueiro, no Além Ponte, bairro com população predominantemente operária. A pressão para a criação de grupos escolares foi grande e registrada pela imprensa. Para minimizar o problema, o Estado, através do Decreto 1239, de 30-09-1904, autorizou a criação de escolas no perímetro urbano; três escolas foram criadas, no centro, freqüentadas por filhos de estrangeiros ou naturalizados e da classe economicamente mais desenvolvida (MENON,2000).

De acordo com o Relatório Anual da Prefeitura Municipal de Sorocaba, de 1919, a cidade contava com uma população urbana de 20.000 habitantes e de 20.600 nos bairros. Na população urbana havia 2530 crianças em idade escolar, das quais, 1348 iam à escola (53,2%); nos bairros havia 2606 crianças em idade escolar, das quais, 937 (35%) estavam matriculadas nas 29 escolas isoladas existentes.

As escolas particulares eram pagas e muitas tiveram vida efêmera. Havia escolas italianas, escolas protestantes freqüentadas por suíços, alemães e brasileiros, e escolas católicas, destacando-se o Colégio Santa Escolástica, criado em 1906, para meninas da elite (MENON, 2000). São inúmeros os anúncios sobre abertura de escolas de primeiras letras (inclusive noturnas), de preparo para academias, externatos para alunos de várias nacionalidades, publicados nos jornais como O Ypiranga, Jornal do Commercio, Cruzeiro do Sul, O Sorocabano, O 15 de Novembro, incluindo O Operário. A Maçonaria, por meio da Loja Perseverança III, foi pioneira no ensino primário particular gratuito e noturno, para analfabetos que trabalhavam no período diurno. A escola foi inaugurada em 07 de setembro de 1869, sendo posteriormente aberta à freqüência de escravos (IRMÃO,1969). A necessidade de escolas noturnas era insistentemente lembrada pela imprensa representativa dos operários. Em 1910, o governo estadual autorizou o funcionamento de uma escola noturna, para os operários das fábricas S. Rosália e N. Senhora da Ponte, fato que necessita ser pesquisado, uma vez que há apenas algumas referências.

Esse cenário evidencia a precariedade do atendimento escolar no município, gerando reivindicações e discussões, amplamente exploradas pela imprensa local, que serão examinadas a seguir.

A educação escolar na imprensa

Como foi visto no início deste estudo a imprensa, como integrante do contexto histórico, participa e revela as tensões do momento vivido. A Primeira República apresentou condições políticas e econômico-sociais que favoreceram a eclosão do movimento operário que agitou o país durante todo o período. Os trabalhadores, arregimentados em associações recém-instituídas que aglutinavam simpatizantes ou militantes de várias tendências, socialistas, anarquistas, anarco-sindicalistas e marxistas, participaram das lutas por melhores condições de vida, nesse momento histórico da passagem do sistema agrário-comercial para o urbano-industrial. A mobilização incluía a organização em associações, e, para além das greves, teve como expressão significativa, a imprensa operária, que assumiu as mais diversas formas- jornais, periódicos, panfletos, fascículos, folhetos e outras.

Constata-se que a imprensa, além dos sindicatos, foi um dos principais meios de divulgação das lutas operárias, notadamente do ideário anarquista, uma vez que os trabalhadores não tinham representantes legais que os defendessem e não contavam com o apoio da imprensa burguesa.

Nesse estudo, a imprensa operária será entendida como a imprensa direcionada aos trabalhadores, defendendo seus interesses e reivindicações. Entretanto, é preciso considerar que as manifestações escritas podem não ser produzidas pelos operários, mas sim por intelectuais ou representantes de outros grupos ou classes sociais (FERREIRA, 1988, p.5-7). De acordo com a referida autora, a imprensa representativa dos trabalhadores circula

[...] de maneira diferente da imprensa burguesa ou grande imprensa...[...] Não tem proprietário e sua mensagem é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, produzido pela coletividade e para ela mesma. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização (FERREIRA, 1988, p.6).

Os jornais geralmente estavam vinculados a alguma forma organizativa operária, sendo por ela custeado; recebiam também doações, bem como mantinham assinantes fixos. Os jornais acompanharam a eclosão do movimento operário, expandindo-se pelo país, alcançando também as cidades do interior que concentravam grande número de trabalhadores, caso de Sorocaba².

Neste recorte pretende-se proporcionar uma visão, embora parcial, acerca das reivindicações no campo da educação, realizadas pela população, investigando jornais que circularam na época, privilegiando a imprensa representativa de grupos operários, mas, também, focalizando alguns jornais empresariais, ou com “representação burguesa”.

A pesquisa, em seus primeiros momentos, está sendo direcionada à análise de jornais do município de Sorocaba, em especial, o jornal “O Operário”, publicado entre 1909 e 1913. Os editores o definiam como “Orgam de defeza da classe operária, noticioso, litterário e de combate”. Sua redação localizava-se à Rua Coronel Cavalheiros, nº 23, e era publicado quinzenalmente, passando depois a semanal. Em 1911 acrescentou ao título o lema “Liberdade e Instrução”; em 1913, definiu-se como “Semanário de Combate” e, no mesmo ano, em seus últimos números, como “Orgam Imparcial”. Tinha como bandeira a defesa dos direitos dos operários; inicialmente a publicação teve orientação socialista e, na fase final, nota-se uma tendência anarquista.

De acordo com publicação do jornal Cruzeiro do Sul, O Operário era editado por José de Castro Lima, que publicava também o jornal espírita O Clarim da Luz. Recebia apoio financeiro de líderes da Loja Maçônica Perseverança III e também de adversários do grupo liderado por Luis Pereira de Campos Vergueiro, chefe político local até 1928, grupo do qual faziam parte os irmãos Camargo Pires, todos do jornal Cruzeiro do Sul, aliado do PRP (Partido Republicano Paulista), que apoiou Rui Barbosa nas eleições para a presidência da República, em 1910. O Operário, sustentado, entre outros, pelos líderes maçônicos e comerciantes, apoiou Hermes da Fonseca. (Cruzeiro do Sul, 30.000 Edições. Fascículo nº2, 19/06/2005, p.21). O surgimento do O Operário foi fortemente combatido pelo Cruzeiro do Sul, como demonstra a publicação datada de 30-9-1909, defendendo os donos e líderes das fábricas: “O Operário falseia os factos e não possui doutrina...[...] Mas então não é jornal. Mas então não merece respeito. As suas palavras são deshonestas e são traiçoeiras”.

Os redatores do novo jornal, entre os quais estavam líderes ligados ao movimento operário, em cores fortes, denunciavam a exploração das crianças nas fábricas, os abusos contra as mulheres por seus chefes, a necessidade de educação dos filhos dos operários, mas também dos adultos; denunciavam os castigos corporais, e a exploração econômica através da utilização de vales e cartões de pagamento, sistema que obrigava os operários a realizar suas compras de gêneros alimentícios e outros, nos armazéns das fábricas, evidentemente com prejuízo para os trabalhadores. As condições de trabalho nas fábricas eram as mesmas das

grandes cidades: baixos salários, 14 horas de trabalho, inclusive para crianças e mulheres; não havia descanso remunerado, faltavam escolas para as crianças e adultos analfabetos, as condições de higiene deixavam muito a desejar e o atendimento médico praticamente inexistia. A imprensa denunciava a situação:

[...] o operariado é victima dos mais torpes abusos, e das mais dolorosas ingratidões. O operariado é um leão que dorme, mais um dia hade acordar lançando abaixo a bastilha dos exploradores. A nossa questão é nas fábricas de tecidos, porque são nellas que labutam pela vida milhares de jovens expostos a tuberculose e as engrenagens das máquinas. Por que é nellas que vivem essa immensidade de meninos pobres que necessitam da luz bendicta da instrucção, o guia abençoado do estudo da vida. (O Operário, nº 94, 1911,p.1).

Em contrapartida, atuava a imprensa conservadora que defendia os “interesses burgueses” dos empresários. Em artigo relatando a visita à Fábrica de Fiação e Tecidos S. Rosália, após inúmeros elogios, o redator registra:

O compartimento do fabrico do fio e sobremodo digno de visitar-se. Antes de tudo, funcionavam quatro machinas, com 150 fusos cada uma; e finalmente, duas machinas, trabalhando em cada uma 350 fusos. Aqui manusêa-se o fio para morim, desde o número 20 até a 28. Nestas últimas machinas, só operam crianças, meninos ágeis, que é uma viva satisfação ver para alli occupados, aproveitando santamente o tempo que outras malbaratam na ociosidade, na precocidade do vicio.

Os operários que presentemente trabalhavam no estabelecimento, montam a 120 homens e mulheres. Os meninos, de ambos os sexos, são de número de 90. De novo, santa escola do trabalho! Vimol-os alli entretidos, deligentes, numa faina suave, que de maneira alguma lhes pode prejudicar as organizações débeis, em vista do diminuto dispêndio de fôrças que demanda. (O 15 de Novembro, nº 651, 1899, p. 01).

O jornal O Operário preocupava-se em difundir o ideário, inicialmente socialista, visando a preparação do trabalhador no combate à burguesia, publicando artigos como “A essência do socialismo”, “Como não ser socialista?”, “A reforma do socialismo”; publicava também, folhetins, alguns anticlericais, como O Papa Negro, Romance Histórico de Mezzabotta; dedicou espaços às mulheres e sua atuação política, como o texto A Burguesa e a Anarchista, de 1913, além de veicular legislação sobre direitos dos trabalhadores, condições para o operário ser cidadão, notícias sobre congressos, formação e atuação de ligas operárias. Para o lazer, anunciava a realização de “pic-nics”, festas, programação do cinema, teatro operário; publicava charadas, mas também artigos para instrução do trabalhador, aumentando seu conhecimento, como A metalurgia no Brasil, O 1º de maio, Democracia, e outros. Diferia dos jornais operários das grandes cidades e de maior projeção, ao veicular anúncios publicitários de casas comerciais, serviços médicos, oferta de escolas e professores particulares, entre outros; talvez esse fato demonstre a necessidade de arregimentação de fundos para a manutenção do jornal - em vários exemplares os redatores reclamam do atraso ou falta de pagamento dos colaboradores. Convém lembrar que, na análise do jornal foram constatados anúncios da Casa Especial de Seccos e Molhados, de Manoel Affonso; Materiais para construcções, de Isaac Pacheco; Pharmacia Italiana, de João Machado de Araújo, etc..., que, de acordo com O Cruzeiro do Sul, como já foi mencionado, colaboravam na sustentação do jornal.

Em relação à educação, nota-se na leitura das edições, uma preocupação com a instrução do operário, procurando prepará-lo para o combate à burguesia, relacionando-a à liberdade, à democracia e à justiça. Quanto à educação escolar, evidencia-se nas reivindicações dos trabalhadores, a preocupação com a instrução e a visão da escola como um canal para a liberdade, para uma vida melhor para seus filhos.

[...]escolas para os operários é a coisa mais necessária e mais santa que se possa imaginar, porque se abre, é um cárcere que se fecha. [...] é n'ella que se reconhece o valor da liberdade. Existem nessas fábricas uma quantidade enorme de creanças que estão na idade de freqüentarem escolas. Coitados...criam-se nas fábricas...nesses antros de entorpecimento sem nunca lembrarem-se que com a instrução e a força de vontade poderiam melhorar essas suas sortes (O Operário, nº 96, 1911, p.02).

Observa-se, ainda, que uma das bandeiras do operariado era a diminuição das horas de trabalho infantil³, e não particularmente sua eliminação, para que a criança pudesse estudar. Essa reivindicação, comum nos jornais, movimentos grevistas e programas de ligas e outras associações operárias, pode ser entendida quando se analisa as idéias de Marx e Engels. É de conhecimento que esses pensadores não produziram escritos específicos sobre educação e ensino. As idéias, sobretudo as marxistas, apresentam-se esparsas e relacionadas aos estudos filosófico-políticos ou sócio-econômicos. Nas Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório, AIT, 1868, Marx afirma que a instrução das crianças, idealmente, deveria ser iniciada antes dos nove anos, mas, considerando as reais condições de vida dos operários, a criança, a partir dos nove anos poderia ser empregada, desde que o trabalho produtivo pudesse ser combinado com a educação. (MARX e ENGELS, 1992). De acordo com o texto abaixo, as condições das crianças trabalhadoras não divergiam muito daquelas vivenciadas pelas crianças inglesas.

[...] é triste para mim e outros que como eu se prezam em ser sorocabanos [...] ver uma multidão de pequenos, completamente analfabetos, trabalharem numa escura fábrica, desde às 5 horas da manhã até às 7 horas da noite...Pobres creanças! Que ser'á d'ellas, assim ignorantes, por esse mundo de Deus? [...] devemos trabalhar pela victoria de nossa causa, devemos lutar pelas 8 horas de trabalho pois, com a diminuição das horas nos seus trabalhos elles terão tempo para se instruir para aprender a distinguir o bem do mal. Pois bem companheiros, não poupemos esforços para lutar em prol das 8 horas, ellas serão uma mensagem divina que nos livrará deste captiveiro e nos dará tempo para nos instruir (O Operário, nº 44, 1910, p.02).

Em 1911 foi deflagrada uma greve reivindicando a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas. O movimento trouxe como consequência a diminuição da jornada de trabalho para 10 horas, fato que facilitou a frequência dos operários e das crianças às aulas. O artigo “Escolas Nocturnas” registra que, com o novo horário das fábricas

reforçou-se o elemento escolar nas escolas nocturnas da Perseverança III. [...] por quanto elle representa o effeito da grave que teve como unico objetivo a instrução da classe menos favorecida da sociedade.

O artigo tece elogios ao “elemento massonico local”, reconhecendo que

Essa grande instituição, abrindo escolas para os míseros sedentos de luz, não faz mais do que abrir as portas do grandioso templo, onde residem o absoluto que é Deus. (O Operário, nº 97, 1911, p. 2)

É interessante observar que, em algumas publicações, os redatores procuram esclarecer os operários sobre o perigo representado pela religião e também pela Igreja, associadas à velha ordem patrimonialista. Entretanto, em muitos textos, como os aqui apresentados, é freqüente, entre as expressões de revolta, a utilização de frases relacionadas a Deus, ou condicionando a obtenção de benesses à intervenção divina. Essas manifestações podem, talvez, sugerir a possibilidade de uma compreensão não muito clara da ideologia socialista, ou anarquista. Por outro lado, não pode ser esquecida a vinculação do jornal com elementos pertencentes à maçonaria, e que, juntamente com redatores realmente militantes do movimento operário, poderiam articular e direcionar os textos, conforme seus interesses.

Pode-se constatar, em vários números do jornal, a preocupação de seus redatores com a atualidade dos informes, não só locais, mas também mundiais, cumprindo seu papel de

instrumento de informação e de mobilização. Em relação à educação, nota-se essa conexão na participação da cidade nos protestos contra a prisão de Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna de Barcelona, e nos comícios de solidariedade quando de seu fuzilamento, em 1909, movimentos estes, organizados em todo o Brasil. No artigo “Comício de Protestos” encontramos

Enquanto aqui nesta cidade tratamos de fazer chegar ao conhecimento dos operarios as ideas liberaes, lá fora, pratica o governo do despótico Affonso XIII, um crime bárbaro mandando fuzilar pelos seus lacaios uma das maiores glorias desse seculo – Franciso Ferrer [...] Sorocaba protestou contra esse acto de selvageria fallando brilhantemente sobre o horroroso e barbaro fuzilamento, em comício no largo da Matriz, ante-hontem, as 8 horas da noite [...] (O Operário, de 17/10/1909, p. 03).

O mesmo artigo descreve a passeata realizada pelas ruas do centro da cidade, os inúmeros discursos e as homenagens prestadas na Fotografia Luxardo, diante do retrato de Ferrer. Os redatores lamentam o fato de a Espanha não ser um “paiz livre, sem o beija pe do Vaticano”, enviando “pezames aos hespanhoes que trabalham pelo ideal do immortal Ferrer”.

Os articulistas, em várias edições, demonstram a preocupação com a educação escolar e a necessidade da criação de escolas, mas também com a divulgação de atividades educativas. O jornal nº 134, de 1912, p. 2, noticia uma reunião da União Operária, com apresentação de vários oradores, todos operários, discutindo temas de interesse da classe; uma das oradoras, Luiza Candiotta, falou sobre a Escola Moderna e seu valor.

O jornal funcionava também como instrumento de educação da classe operária, procurando conscientizá-la de sua realidade, destacando seus problemas e indicando a escola como o caminho para a emancipação da classe trabalhadora

Os operários em sua maioria detestam a instrucção e acceitam tudo quanto é credices religiosas, tudo quanto é charlatanismo politiqueiro sem o mínimo analyses, sem a mínima reflexão. [...] é o caso desses imbecis que detestam a crencia para entregar-se desenfreadamente as supertições e credices populares detestando as organizações que é uma escola onde todos podem trocarem idéias e adquirir pratica e conhecimentos para a luta de se emancipar [...] [...] chega o Domingo apos seus dias de trabalho rude e pesado que deviam procurar o descanso e aproveitar o tempo na cultivação do seu intellecto, lerem, associarem-se para as coisas úteis, não, procuram gastar todo o fructo do trabalho em jogos de cartas, nas libações alcoolicas, etc... (O Operário, nº 166, 1913, p. 1).

O Jornal O Operário teve importante papel na organização da Liga Operária de Sorocaba, cujos estatutos foram aprovados em 18/11/1911; dela faziam parte o diretor e redatores do jornal (O Operário, 24/9/1911, p.2). A “Liga” foi responsável pela criação de uma escola noturna para crianças operárias, tendo como professor Joseph Revier⁴, também colaborador do jornal (O Operário, 1º/5/1912, p.2). Edgar Rodrigues registra a existência da Escola da Liga Operária de Sorocaba, que teria sido “fundada em 21/11/1911” (RODRIGUES, 1972. p.448). O mesmo autor registra que em 15 de setembro de 1911, a “Liga Operária de Sorocaba, que havia sido fechada pela polícia, inaugura a sua escola noturna com grande frequência de alunos”. “O Operário”, datado de 14/4/1912, p.2, informa a “criação de uma escola moderna em Votorantim, para ambos os sexos e, uma outra em S.Rosália”.

Além da imprensa operária constata-se que foi significativa a participação da imprensa empresarial, “burguesa”, na defesa da instrução pública diurna e noturna, para crianças e operários. Embora com diferentes motivações, diferentes linguagens, os jornais eram concordes quando o assunto referia-se à criação e manutenção de escolas públicas.

O Jornal do Commercio, “Orgam Commercial” e noticioso, de publicação semanal e que se definia como “despretenciosos, não se filiando a seitas políticas, religiosas”; registra no artigo “Instrução” que

[...] é necessário que os templos de ensino nem uma hora sequer cerrem suas portas. Escolas diurnas para os meninos jovens que não têm ocupação livrando-os assim da vadiagem; escolas noturnas para os operários e toda a classe do trabalho, que labutam durante o dia ganhando a vida e o pão. Alimentar durante o dia o corpo com o pão ganho na fabrica ou na oficina e durante a noite alimentar o espírito com a instrução, que também alimenta (Jornal do Commercio, nº 3, 16/01/1910, p. 2).

Vários jornais participaram dos movimentos para a criação de segundo grupo escolar de Sorocaba, fato ocorrido apenas em 1914. O artigo “Pela Instrução”, extraído do jornal “oficial” do PRP, é bastante significativo

Sorocaba tem palpitante necessidade de mais um grupo, pois sua população é ainda maior que a de Piracicaba e Jundiahy, cidades que possuem mais de um estabelecimento de instrução primaria funcionando com toda regularidade. Era de esperar-se, mesmo, da acção prompta e efficaz dos seus ateis dirigentes políticos, que jamais desmentiram os patrióticos intuitos que os animaram sempre, pois não era admissível que um assumpto de tal relevância fosse preterido, sabendo-se que a criação de tais estabelecimentos depende unicamente dos nossos representantes no congresso estadual, delles que têm o restricto dever de ascultar cuidadosamente as necessidades publicas e supri-las com a mais prompta brevidade e precisão. (Cruzeiro do Sul, 04/02/1914, p.01).

A falta de escolas públicas profissionalizantes foi motivo de discussões em muitos jornais. O ensino profissional, naquele momento, era valorizado pela necessidade de preparo de mão de obra para o trabalho, principalmente nos centros industriais. Sobre o assunto, é digno de registro o protesto jocoso, publicado pelo Jornal O Sorocabano “ Organ do S.C. Sorocabano”.

Sorocaba vai ser mais uma vez preterida! É nos doloroso dizer que infelizmente não temos quem se interesse lá na Câmara Federal pelo nosso progresso. Ao passo que Botucatu que invejamos tem alguém por si, com uma Escola Normal, Escola Superior de commercio reconhecida pelo governo Federal, etc. Sorocaba tem um manicomio (a sua custa) e tem... vontade de ter uma Escola Profissional.

E o povo da cidade de Sorocaba que concorre com os cofres da União, com renda superior a do Estado do Espírito Santo. É possível que o Governo Federal com a criação de Escolas de Aprendizes de Artífices, localize uma em... Assis e Chavantes. (O Sorocabano,nº 16, de 14/11/1920).

A criação de uma Escola Normal na cidade motivou, durante anos, redatores dos jornais de várias tendências. O jornal Cruzeiro do Sul, empresarial, manifestou-se sobre a intenção do governo estadual de instalar três escolas normais em “Caçapava, Lorena e a terceira não se sabe”. Questionava o motivo de não

[...] ser installada em Sorocaba, que é uma cidade grande, populosa, commerciante e industrial e, por consequinte, uma das localidades que concorrem com maior renda para o Estado. [...] Demais, Lorena é uma cidade bem menor e de muito menos importância do que Sorocaba e Caçapava não lhe leva superioridade alguma. Sorocaba,está, portanto, em perfeitas condições para a instalação da escola.

O artigo termina incentivando a população à mobilização :

[...] indispensável se torna, é que o povo trate de imitar o procedimento do povo de Caçapava e Lorena, dirigindo ao governo um abaixo assignado. Trabalhe mais um pouco, seja um pouco mais animado do que é, não se contente em fallar unicamente pelas columnas dos jornaes (Cruzeiro do Sul, 24/07/1912,p.01)

A leitura dos jornais, de anos e tendências diversas, permite observar o sentimento de frustração da cidade, constantemente preterida pelos governos estaduais na escolha para instalação de grupos escolares, escolas profissionais e a escola normal. Como informação, registre-se que, por motivos de divergência política entre grupos locais e estaduais do PRP, a Escola Normal foi criada apenas em 1929 e pelo governo municipal; a Escola Profissional foi instalada no mesmo ano. A criação do terceiro grupo escolar, em 1919, para atendimento de bairros com concentração operária, será parte específica da pesquisa, ora em andamento.

Algumas considerações

O estudo, embora parcial, permite algumas constatações. A imprensa, particularmente o jornal, configura-se como importante fonte documental ao reunir material que permite reconstruir o cotidiano de uma população, suas representações, lutas, descrenças e esperanças. No presente estudo proporciona o acompanhamento das discussões sobre a educação escolar, sob diversas óticas, contribuindo para o desvelamento da realidade escolar do município, no período de 1889 a 1920. Revela, também, a valorização da instrução, via escolarização pública e a necessidade de sua expansão, preocupação, como visto inicialmente, de toda a nação, naquele momento histórico. A imprensa operária deve ser considerada em seu contexto, isto é, vinculada ao movimento operário e como instrumento de luta ao seu alcance, ao lado das reivindicações formais evidenciadas nos programas político-organizativos dos trabalhadores. Os jornais proporcionam a visualização do movimento de defesa da instrução pública pelos operários de um centro regional industrial, defesa que caminhava paralela à cruzada nacional pela alfabetização, da qual também participaram outros órgãos informativos da cidade. As divergências ficam por conta de interesses políticos e econômico-sociais. Este estudo, necessariamente será aprofundado e, certamente, revelará outros aspectos importantes para a história educacional da cidade.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Aluísio de. **História de Sorocaba**. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. 1969.
- BARREIRA, Luiz Carlos. **Teares parados tecem a escola do amanhã: a luta dos tecelões sorocabanos no início do século XX, pelo direito à educação**. Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, jul/ago.2003.
- CARONE, Edgard. **A Primeira República**. SP: Difusão Européia do Livro, 1973.
- _____. **A República Velha**. Instituições e Classes Sociais. SP: Difusão Européia do Livro, 1975.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.
- CARVALHO, Carlos Henrique de. **República e Imprensa: as influências do positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães:Uberabinha, MG: 1905-1922**. Uberlândia: Edufu, 2004.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo: 1880- 1945**. SP: Editora Universidade de São Paulo, 1971.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. R.J: DIFEL, 1976.

FERREIRA, M. Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. S.Paulo: Ática, 1988.

GATTI Junior, Décio. **A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas**. In: ARAUJO, José Carlos & GATTI Júnior, Décio (orgs). Novos temas em história de educação brasileira. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Educação e movimento operário**. S.Paulo: Cortez Editora, 1987.

HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

IRMÃO, José Aleixo. **A Perseverança III e Sorocaba**. Sorocaba, SP: Fundação Ubaldino do Amaral, vol I, 1969.

LENIN, Vladimir Ilich. **O imperialismo: fase superior do capitalismo**. SP: Editora Global, 1987.

MARX e ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. S.Paulo: Editora Moraes (tradução), 1992.

MENON, Og Natal. **A Educação escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República**. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo, 2000.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na primeira República**. RJ: DP&A Editora, 2001.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. **A classe operária no Brasil: 1889-1930**. Documentos, vol. 1. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira**. SP: Autores Associados, 1993.

RODRIGUES, Edgar. **Nacionalismo & Cultura Social: 1913-1922**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.

_____. **Socialismo e sindicalismo no Brasil: 1675-1913**. RJ: Laemmert, 1969.

SANFELICE, José Luis. **História de instituições escolares: apontamentos preliminares**. Quaestio – Revista de Estudos de Educação. Universidade de Sorocaba, vol 4, nº 1, 2002.

SILVA, Paulo Celso. **De novelo de linha à Manchester Paulista** – Fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba. Sorocaba, Projeto LINC, 2000.

VIDAL, Diana G.; HILSDORF, M. Lúcia (orgs). **Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação**. S.Paulo: Edusp, 2001.

SOROCABA. **Jornal O Operário**. Edições de 1909 a 1913. Gabinete de Leitura Sorocabano.

SOROCABA. **Jornal O 15 de Novembro**. Gabinete de Leitura Sorocabano.

_____. **Jornal Cruzeiro do Sul**. Gabinete de Leitura Sorocabano e Fundação Ubaldino do Amaral.

SOROCABA. **Jornal Diário de Sorocaba**. Gabinete de Leitura Sorocabano.

_____. **Jornal O Sorocabano**. Gabinete de Leitura Sorocabano.

_____. **Jornal do Commercio**. Gabinete de Leitura Sorocabano.

_____. **Cruzeiro do Sul**. 30.000 edições. Um século de jornalismo. Série de 20 fascículos. Fundação Ubaldino do Amaral/Uniso, 2005.

Notas

¹ O trabalho é resultado parcial da pesquisa desenvolvida junto ao curso de doutorado em Educação da UNIMEP e também vinculada ao Projeto Temático - A Educação Escolar em Sorocaba: fontes, industrialização, movimentos sociais e memórias, da UNISO. A pesquisa investiga o significado do movimento operário para a história da educação escolar do município de Sorocaba (SP).

² Cf listagem de publicações em FERREIRA, op. cit., p.63-84 e RODRIGUES, 1972, p.425-444.

³ Nos jornais “burgueses” analisados não foi encontrada nenhuma manifestação acerca da necessidade de eliminação ou diminuição das horas do trabalho infantil. Os jornais, de maneira geral, insistiam no fato de que as crianças deveriam ocupar seu tempo em trabalho e estudo, evitando a vadiagem. De qualquer forma as crianças representavam uma frente numerosa de mão de obra de baixo custo.

⁴ Joseph Jubert Rivier foi colaborador do jornal e professor da Escola Moderna mantida pela Liga Operária de Sorocaba. De acordo com GHIRALDELLI, 1987, p.129, Rivier era imigrante francês e sindicalista ativo (como todos os diretores de Escolas Modernas). Foi preso em Sorocaba, no começo da década de 10. Sua atuação, os motivos de sua prisão, bem como seu destino ainda não foram pesquisados.